

Língua, cultura e competência: questões para o ensino e o discurso

Fabiele Stockmans DE NARDI

fabielestockmans@hotmail.com

Universidade de Caxias do Sul (UCS) /Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG/LET - UFRGS)

Língua, hiperlíngua e arquivo.

Marisa Grigoletto e Rosely Diniz Machado.

A noção de competência há tempos faz parte das discussões e dos manuais¹ que se ocupam do ensino-aprendizagem de língua estrangeira e aparece, em geral, associada à abordagem comunicativa, que propõe a compreensão da língua como um instrumento de comunicação ou de interação social. Nessa perspectiva, o ensino da língua objetiva o desenvolvimento da **competência comunicativa** do aprendiz, que deve ser levado a **dominar** a língua, sendo capaz de falar, ler e escrever orações, mas também conhecer as maneiras como ditas orações são utilizadas para se conseguir um determinado **efeito comunicativo**.

O conceito de **competência comunicativa** é atribuído a Hymes² (1979), o qual defende que para a produção de um discurso *apropriado* é preciso o conhecimento das regras gramaticais de um sistema lingüístico e, também, das regras contextuais e pragmáticas que subjazem sua

¹ Pode-se observar, nas apresentações de livros didáticos para o ensino de língua espanhola, a menção recorrente, seja ela explícita ou não, à construção da competência comunicativa como um objetivo a ser alcançado, a exemplo das seqüências abaixo:

*Nuevo Ele Inicial 1 es un curso comunicativo de español dirigido a estudiantes adolescentes y adultos de nivel principiante, concebido en el objetivo de **ayudar al alumno a alcanzar un grado de competencia lingüística y comunicativa**.* (BOROBIO, p. 3) (grifo nosso).

*[...]Los temas elegidos **permiten la adquisición de una comunicación auténtica y motivadora**, estimulan y potencian el compromiso social y vital de l@s estudiantes, y dan como resultado no sólo la realización de actividades significativas en el aula sino también la adquisición **de una verdadera competencia intercultural**.* (CERROLAZA; CERROLAZA; LLOVET, 2001, p. 3) (grifo nosso).

² O autor, para falar de competência comunicativa, retoma a noção de competência lingüística de Chomsky, aproximando competência e desempenho, que são tratados por ele como momentos indissociáveis na aquisição de uma língua.

produção, sem as quais não há discurso. Isso faz com que o autor passe a trabalhar com um conjunto de regras sociais, culturais e psicológicas, conhecimento sem o qual não se pode colocar a língua em uso.

Para Coste (2002), a apropriação, por parte de muitos lingüistas aplicados, da noção de competência comunicativa cunhada por Hymes implicou numa série de *deslizes*, que levaram, entre outras coisas, à compreensão da competência comunicativa como uma totalidade única, como se não houvesse, numa mesma comunidade lingüística, diferenças significativas a serem consideradas. Apagando a heterogeneidade constitutiva da língua e dos processos discursivos, a noção de competência leva, assim, à homogeneização, tanto da língua, quanto de seus falantes, das possíveis situações de comunicação em que se inserem e, conseqüentemente, dos objetivos desse ensino.

Mais recentemente, vinculando-se ao interacionismo sociodiscursivo, Baltar (2004, p. 40) propõe a noção de **competência discursiva**, por meio da qual se refere à *divisão tênue das vozes sociais, das instituições que as sustentam*. De acordo com o autor, *os falantes de uma língua devem buscar aprimorar sua competência discursiva para **agir através da linguagem** em diferentes domínios discursivos e perceber a interdiscursividade que está presente nas relações sociais*. (Idem, p. 40) (grifo nosso).

Embora guardem diferenças entre si, as várias definições de competência acabam por gerar efeitos comuns, como a posição instrumental que é atribuída à língua, estrutura fechada por meio da qual o sujeito encontra as possibilidades de dizer o que deseja; e o caráter uno do sujeito, senhor da língua, a quem é negada sua dimensão inconsciente. O processo de aprendizagem passa a ser, assim, consciente e controlável, o que reforça a ilusão de que o sujeito pode dominar a língua e também as condições de produção de seu uso, caindo-se na *fixidez* das relações entre os indivíduos e na ilusão de *eficiência* da língua como instrumento de comunicação, uma língua sem

ruídos que é, então, capaz de oferecer a esse falante, sempre, os recursos necessários para uma *feliz atuação nos cenários de interação*.

Consciência e controle, domínio e intenção, fixidez e eficiência. Quando passamos, no campo do discurso, a analisar a noção de competência, somos confrontados, imediatamente, com esse risco da homogeneização que tal noção traz consigo e com a possibilidade de que, por ela, sejamos levados ao apagamento de toda a diferença.

Ao falar sobre cultura, Marilena Chauí (2006, p. 9) se debruçou sobre o que chamou de ideologia da competência, a qual, segundo ela, *divide a sociedade entre aqueles que sabem, e por isso mandam, e aqueles que não sabem, e por isso obedecem*. Essa é a perspectiva que adotam, segundo a autora, aqueles que olham para a cultura como um saber de especialistas, que alguns poucos produzem e os outros recebem passivamente. Para não se cair nessa rede é que se faz necessário um questionamento sobre o que se entende por cultura³ e que noção de cultura mobilizamos ao falar de ensino-aprendizagem de línguas.

Interessa-nos marcar, nesse momento, que, assim como ocorre com a língua, a insistência no desenvolvimento de uma competência cultural carrega consigo, em geral, a ilusão de que é possível dominar a cultura - no caso da língua estrangeira, a cultura do outro-; domínio que, conjugado àquele da língua, daria ao sujeito a possibilidade de considerar-se um falante dessa língua, capaz de utilizá-la, de acordo com as suas intenções, para dizer o que deseja.

Dominar a cultura, no entanto, pressupõe a idéia de que haja uma unidade cultural, o que não se pode defender nem mesmo no interior de uma mesma comunidade, já que é impossível ao sujeito partilhar da totalidade daquilo que se pode compreender como um sistema cultural. Nossa participação numa cultura é sempre parcial, pois há espaços culturais que nos são interditados,

³ O espaço de que dispomos aqui nos impede de expor as diferentes posições sobre cultura, que levam a considerar a heterogeneidade inerente à própria noção e que podem envolver reflexões que passam pelo campo da antropologia, da psicanálise, da literatura, do discurso, etc.

como há, na língua, espaços de interdição. Portanto, seria impossível falar em previsibilidade de situações e comportamentos, já que, como ocorre com a língua, há também nos sistemas culturais o lugar do equívoco, que faz com que algo sempre pode falhar.

As contribuições de Michel Pêcheux sobre a noção de discurso nos levam a trabalhar com um sujeito duplamente afetado, pela ideologia e pelo inconsciente. Esses dois atravessamentos marcam a constituição do sujeito e revelam o seu caráter cindido: ao sujeito algo falta e é na falta que ele encontra espaços de movimento, de reconstrução. Por meio do modo como na AD se entende o processo de interpelação ideológica, é possível se pensar que o sujeito passa por incessantes processos de identificação, os quais não se realizam na sua totalidade, deixando sempre espaços em aberto, espaços de desidentificação que fazem com que sujeitos e sentidos possam ser outros.

Pêcheux, na companhia de Milner, falou da língua como um espaço simbólico e nos fez ver a língua como o lugar material em que se encontram ideologia e inconsciente⁴, conceitos que articulam a individualidade do sujeito e a natureza social de sua existência. De acordo com Ferreira (2004, p. 43), o ponto em que se aproximam o sujeito da psicanálise e o do discurso é o fato de que *ambos são determinados e condicionados por uma estrutura, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território.*

Assim, enquanto a noção de competência implica totalidade, em AD somos levados a olhar para o não-todo como constitutivo dos processos discursivos e para a completude como uma ilusão. Para nós, a cultura, assim como ideologia e inconsciente, atravessa os processos identificatórios por que passa o sujeito, já que constitui o cerne da organização de sua relação

⁴ A noção de inconsciente com que se trabalha em AD é a de uma instância que se revela para o sujeito sob a forma de sonhos, lapsos, atos falhos, etc, à qual não se tem acesso pela consciência, e que seria para o sujeito um estranho familiar, na medida em que não pode ser controlado por esse sujeito, mas muito é capaz de dizer sobre ele.

com o outro. O sujeito está na cultura⁵ assim como está na linguagem, e essa relação implica, necessariamente, olhar para o Outro como um lugar de identificação, já que, como nos mostra Lacan, o *sujeito se constitui no discurso do outro*, havendo, como mostra Koltai (2000, p. 26), um elo entre o sujeito e a cultura, entre o individual e social no discurso.

Para nós a cultura tem um caráter dinâmico e deve ser entendida, também, como um espaço simbólico, espaço de constituição do sujeito que produz cultura e por ela é produzido. A cultura é uma estrutura permeada de fissuras, como ideologia e inconsciente, *chagas* que colocam esse sistema em constante movimento. Falar em cultura implica, portanto, criar espaços de criticidade, olhando-a como um lugar de interpretação, já que as manifestações culturais reclamam sentido e precisam ser pensadas a partir dos processos sócio-históricos que as condicionam.

Portanto, a busca de uma interação perfeita entre os sujeitos, seja ela em sua língua materna ou na língua do outro, é ilusória, como ilusório é tratar o ensino da cultura como a garantia de aquisição de uma certa *competência*. Com isso não se quer menosprezar o valor da cultura no ensino de segunda língua, mas lembrar que só se pode conceber que é possível dominar uma cultura se aceitarmos que por cultura é possível entender um conjunto de traços estáveis, exteriores ao sujeito. Só assim olharemos para a cultura como algo a ser *apreendido*, algo que se aceita, fazendo de sua irrefletida reprodução parte do processo pelo qual nos tornaríamos falantes competentes de uma língua.

Entendemos, assim, com Chauí, que falar em competência, seja em relação à cultura, seja em relação à língua, é assumir uma postura política diante de seu ensino que certamente nos

⁵ *Freud designa como cultura humana a interioridade de uma situação individual - manifesta nos impulsos que vêm desde dentro do sujeito - e a exterioridade de um código universal, subjacente aos processos de subjetivação e aos regulamentos das ações do sujeito com o outro.* (FUKS, 2003, P. 10)

levará a idealizações sobre a língua e a cultura do outro, ou, ao contrário, a restringi-las a traços apreensíveis que tão pouco dizem sobre os movimentos de sujeitos e discursos.

Referências

BALTAR, M. **Competência Discursiva e Gêneros Textuais**. Caxias do Sul:EDUCS, 2004.

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural. O direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTE, D. Leitura e competência comunicativa. In. GALVEZ, C.; ORLANDI, E.; OTONI, P. **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2002. p. 11-30

FERREIRA, M. C. L. Análise de Discurso e Psicanálise: Uma estranha Intimidade. **Caderno da APPOA**, n.131, dez.2004, p.37-52.

FUCKS, B. **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HYMES, D. H. On communicative competence. In. BRUMFIT, C. J.; JONHSON, K. **The communicative approach to language teaching**. Oxford: Oxford University, 1979.

KOLTAI, C. **Política e psicanálise**. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997(a).

_____. (1982) Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas. **Cadernos de Tradução**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2 ed., n. 04, outubro 1998, p. 35-55.